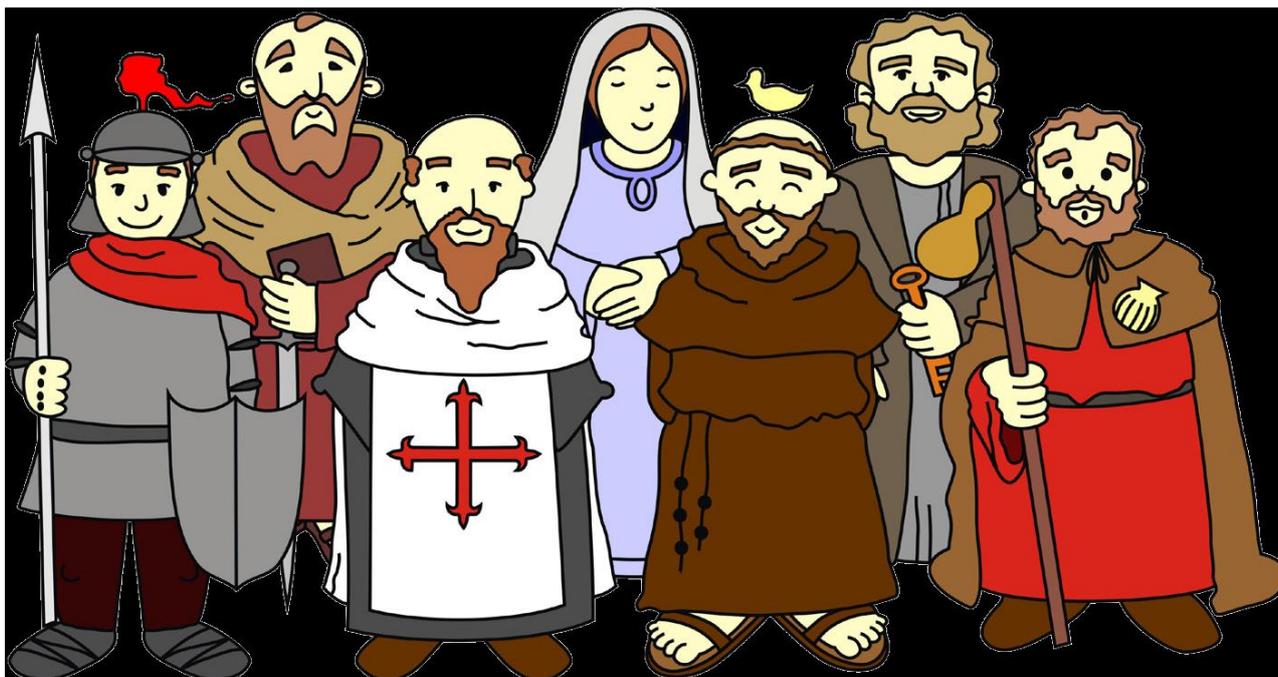


Os patronos do CNE

Juan Ambrósio com José Gouveia (Reflexão final)



Não é preciso ser um grande conhecedor do CNE e basta fazer uma pequena ‘passagem de olhos’ pelo sítio da Associação para se poder perceber o destaque que se dá aos «patronos», aos «modelos de vida» e a várias personagens que são consideradas como «grandes figuras» que inspiram os escuteiros pertencentes às diversas Secções.

Julgo que também não será difícil perceber o porquê desta relevância. Sendo o CNE um movimento que tem por grande objetivo a formação integral dos jovens, é mais do que natural que dê um grande destaque a testemunhos de vidas concretos que possam ajudar - quer os dirigentes, quer os jovens - a poderem mais facilmente assumir o protagonismo, que compete a cada um, em todo o itinerário educativo. Na verdade, todos sabemos que a educação é muito mais do que uma mera instrução, pelo que não pode jamais ficar reduzida a um conjunto de conteúdos que se transmitem, por mais importantes e indispensáveis que eles possam ser. Também a transmissão de normas de comportamentos, ou mesmo de um elenco de valores, se bem que fundamentais, não esgota o processo educativo.

A educação no CNE, porque se quer e se diz integral, exige que cada um perceba que o seu papel é insubstituível, e o assuma com coragem e ousadia. Neste contexto, tem todo o sentido que sejam apresentados exemplos concretos que possam ajudar a perceber e a discernir que atitudes devem ser assumidas, que valores devem ser propostos, que caminhos devem ser percorridos.

Todos sabemos, também, que a educação nunca pode ser só uma autoeducação, pois nesse caso o horizonte para o qual cada um de nós tenderia teria sempre, e só, o tamanho dos seus desejos,



inspirações e vontade, ou seja, seria sempre um horizonte com o nosso limite, o que, temos de convir, nos impediria de ir mais longe.

Daí decorre, igualmente, a importância significativa dos modelos e exemplos de vida. Eles não são simplesmente um convite a imitar a exterioridade dos seus atos, mas vão muito para além disso, testemunhando como pessoas concretas, em situações de vida concretas, que foram capazes de ultrapassar as dificuldades e responder às diversas interpelações que vão sempre surgindo ao longo da vida.

O sentido da vida, a felicidade, não está apenas reservado para aqueles heróis que costumamos descrever com grandes traços, nem se alcança somente com aqueles gestos grandiosos que parecem estar só reservados para um grupo muito restrito de eleitos. Não! Não é de todo assim. Existe uma imensa maioria de pessoas comuns, como nós, que com gestos muitas vezes pequenos e humildes, muitas vezes não mais do que vulgares, conseguiram ser felizes e contribuir para a felicidade dos outros.

E são esses, porque foram capazes de abrir novos horizontes a outros, que acabam por ser propostos como modelos e, com frequência, apresentados como verdadeiros heróis com traços e contornos que parecem distanciá-los de todos os outros seres humanos. Mas se olharmos bem, sendo capazes de ver para além das aparências que foram sendo construídas, verificaremos que são tão humanos como nós. No fundo, é por isso que podem ser propostos como modelos e exemplos, pois de outro modo não nos poderiam verdadeiramente inspirar, uma vez que nos propõem caminhos impossíveis de percorrer.

Mas se isto é compreensível e aceitável a este nível, o que dizer quando entramos no campo dos patronos? Não estaremos aí a recorrer a exemplos que pouco ou nada têm a ver com o cidadão comum? Ao propor estes exemplos não está o CNE a elevar demasiado a fasquia? Não está a ser utópico, propondo metas impossíveis de alcançar e exemplos impossíveis de repetir? A referência aos patronos não será resquício de coisas de outros tempos a que nós hoje não deveríamos dar tanta atenção?

Sempre que estas dúvidas se levantam e não temos a coragem de lhes responder, corremos o risco de ensaiar caminhos que acabam por transformar os patronos em heróis mais ou menos míticos e lendários. E o primeiro passo nesse sentido é muitas vezes dado, sem que disso tenhamos muita consciência, quando se começa a secundarizar, para não dizer ocultar, a sua condição de santos.

Os patronos do CNE são seus patronos exatamente por serem santos. Ignorar esse aspeto é não perceber o essencial. Eles não são heróis e muito menos 'mascotes' ou 'totens'. Eles são santos, e é porque o são que podem desempenhar um papel fundamental no CNE. Mas vamos por partes.

O CNE tem como um dos seus traços identificativos o facto de ser escutismo católico, o que faz com que a sua atenção à educação da fé constitua também uma das suas preocupações maiores. Deste modo, os exemplos que propõe, as metas que aponta e os modelos de vida que sugere têm também como traço característico a dimensão da fé.

Os santos não são super-homens, nem supermulheres, com poderes especiais que só estariam reservados a alguns; não são também semideuses com um património genético que os distinguiria de todos os seres humanos. São seres humanos concretos que tiveram a coragem e a ousadia de responder à interpelação de Deus nas suas vidas. É por isso mesmo que eles nos podem testemunhar o horizonte para o qual a vida humana pode caminhar. Inspirados e guiados pela fé - o mesmo é dizer inspirados e guiados pela relação com Deus - puderam viver a vida de outra maneira, mostrando que essa outra maneira não só é possível, como é verdadeiramente humana.



Para os cristãos esta é uma realidade clara. A santidade não se opõe à humanidade, pelo contrário eleva-a e condu-la aos horizontes a que Deus a convida.

Deste modo, e ao contrário do que muitos possam pensar, os patronos do CNE, porque são santos, são verdadeiros modelos de humanidade.

Mas se os patronos do CNE podem ajudar a entender melhor e a concretizar a relação do ser humano com Deus, será que podem igualmente ajudar ao compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna?

A resposta é inequivocamente positiva e uma vez mais ela tem a ver com a questão da santidade.

Porque a santidade os levou à sintonia e à proximidade de Deus, eles puderam ver melhor o mundo e a história humana a partir do próprio olhar de Deus, ou seja, puderam compreender melhor a proposta de Deus para todo o ser humano. Perceber isto, é, no meu entender, perceber uma das notas características da santidade. É que a proximidade e intimidade com Deus lança para o ser humano, lança para os irmãos, dando especial atenção aqueles que estão mais desprotegidos e fragilizados. A denúncia da injustiça e o compromisso com a justiça, são por isso dimensões a que a santidade nos torna mais atentos e sensíveis.

Também por isto os patronos do CNE, porque são santos, são verdadeiro testemunho do compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e de uma história mais fraterna.

Seja-me permitida uma última referência, esta mais complexa e, porventura, menos evidente. Ela tem a ver com algo que é importante para os cristãos e que, muitas vezes, é ignorado: refiro-me à comunhão dos santos.

Os cristãos acreditam na ressurreição e isso implica acreditar que a vida, ainda que com contornos distintos, continua para além da morte. É por isso que os cristãos acreditam igualmente que aqueles que nos precederam, e agora já vivem uma relação mais plena com Deus, podem continuar a guiá-nos no nosso viver.

E ao dizer isto, não estou simplesmente a fazer referência a uma vaga memória, que em nós possa perdurar, das coisas boas e belas que eles fizeram e que, por isso mesmo, nos pode continuar a inspirar.

O que pretendo é verdadeiramente ir mais longe, afirmando que eles continuam vivos podendo, por esta razão, continuar a ser protagonistas e construtores da comunhão que existe e se gera entre todos aqueles que acreditam no Deus revelado por Jesus Cristo. O seu contributo, claro está, não é igual ao nosso, nem se concretiza da mesma maneira, mas não é por isso que deixa de ser menos real e efetivo.

Deste modo, apesar de terem vivido em tempos porventura muito diferentes dos nossos, o que fez com que a sua vida tivesse a marca desses mesmos tempos, eles não estão amarrados ao passado. Hoje, no presente, eles continuam a ser construtores desta comunhão que nos aproxima de Deus e nos compromete uns com os outros, ajudando-nos a traçar os caminhos do futuro.

Porque são santos, os patronos do CNE podem verdadeiramente continuar a guiar a nossa Associação com a força efetiva e real do amor que nos une e não simplesmente ao modo de uma vaga lembrança inspiradora.

Por tudo isto, e por muito mais que aqui não fica escrito, o papel dos patronos no CNE não deveria nunca ser ignorado nem secundarizado, mas, pelo contrário, deveria ser alvo de cuidada atenção.



Algumas referências a ter em conta:

“A escolha dos patronos para o Escutismo remonta às origens do próprio Escutismo, com a designação de São Jorge para patrono mundial”

“A vida dos santos, sendo inspiradora para qualquer crente, é-o também para qualquer escuteiro”

“Eles não são a luz, mas fazem-nos chegar a ela”

“Há dois motivos principais pelos quais se apresentam diversos patronos no CNE:

- por serem exemplo, referência e testemunhas de Cristo ressuscitado;
- para intercederem por todos os Escuteiros e Dirigentes.”

“O patrono é exemplo de vida, uma referência singular, um estímulo para uma vida pautada pelos valores perenes e, simultaneamente, é um intercessor junto de Deus, razão pela qual é invocada a sua proteção.”

“Os modelos de vida definidos no programa educativo do CNE estão intimamente ligados aos «patronos» sendo que, ao contrário destes (que são definidos nacionalmente), aqueles podem ser complementados localmente de acordo com a tradição religiosa e a cultura de cada local (sendo apenas sugeridos nacionalmente possíveis modelos).”

“Definimos os «modelos de vida» como «figuras da Igreja Católica (...)». Considerando a natureza dos patronos e dos modelos de vida, entende-se por «figuras da Igreja» somente santos ou beatos da Igreja (isto é, reconhecidos oficialmente pelo Magistério oficial da Igreja mediante a canonização ou beatificação).”

O principal motivo para a apresentação de modelos de vida encontra-se na referência aos diferentes carismas eclesiais. Pode ser pedagogicamente benéfico sublinhar que a vocação à santidade é universal e se concretiza em pessoas de todos os tempos e lugares, homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos. Na medida em que os escuteiros se sentirem identificados com os «modelos» apresentados, maior pertinência estes terão na implementação do Programa Educativo, constituindo um estímulo real e efetivo para a vida de santidade.”